

acoplado a GPS (Garmin® 310XT) e lactacidemia (mmol/L) por método eletroenzimático (YSI 2300) antes, durante e após o trabalho no redondel (TR) com 30 minutos de duração e do trabalho montado em pista de areia (TP) com 45 minutos, cada qual com um mês de duração. O TR incluiu trabalho de transições de andamentos com e sem guia, utilizando-se ou não de embocadura. Já o TP incluiu gradualmente exercícios de alongamento, controle de velocidade e equilíbrio. Amostras de sangue foram coletadas utilizando tubos de pressão negativa contendo fluoreto de sódio. Em TR, nos tempos: antes (T0), aos 15 minutos durante o exercício (T1), um minuto após o exercício (T2) e após dez minutos de desaquecimento (T3). Em TP, nos tempos: repouso (T0), um minuto após a fase mais intensa (galope) do exercício (T1) e após 15 minutos de desaquecimento (T2). A temperatura ambiente e umidade do ar médias foram $28\pm 3^{\circ}\text{C}$ e $80\pm 13\%$ respectivamente. Aplicou-se teste t de student, com $p < 0,05$. Em TR, os animais percorreram $1400\pm 300\text{m}$ com velocidade média de $5,4\pm 1,4\text{ km.h}^{-1}$. Já em TP, percorreram $5000\pm 800\text{m}$ com velocidade máxima de $18\pm 1\text{ km.h}^{-1}$. Os valores médios de lactacidemia não se elevaram durante TR ou TP. Em TR, o valor máximo foi em T2, com $0,50\pm 0,45\text{mmol/L}$. Em TP o valor máximo foi em T1, de $0,63\pm 18\text{mmol/L}$. Os animais trabalharam a 50% da FC máxima ($FC_{\text{máx}}$) em TR, atingindo a média máxima em T1 com $105\pm 20\text{bpm}$, e em TP, trabalharam a 65% da $FC_{\text{máx}}$, atingindo a média máxima em T1 com $148\pm 16\text{bpm}$, dados que indicam a participação das vias oxidativas como principais provedoras de energia. Comparativamente aos subsídios literários, o treino aqui proposto foi considerado básico, já que não houve acúmulo de lactato ou elevação da FC em mais de 180 bpm, além das velocidades terem permanecido entre 10,8 e 28,8 km.h⁻¹. Conclui-se que esse tipo de esforço foi essencialmente aeróbio e pode ser indicado em fases iniciais de um programa de treinamento.

*carol_berkman@yahoo.com.br

1 DCCV/FCAV/UNESP-Jaboticabal

2 Laboratório de Fisiologia do Exercício Equino "LAFEQ" – UNESP – Jaboticabal

Diagnóstico de cisto subcondral proximal da tibia em cavalo da raça american trotter: relato de caso

Pedro Henrique de Carvalho¹; Daniel Hofman Golcman¹; Luis Claudio Lopes Correia da Silva²; Stefano Filippo Hagen³; Carla Baggi Belli⁴

Cistos ósseos subcondrais em equinos ocorrem mais frequentemente em côndilo femoral medial, seguido pela porção distal do osso terceiro metacarpiano e metatarsiano, sendo raros em região proximal medial de tibia, e, quando ocorrem, estão relacionados a trauma. Quando há efusão articular e claudicação de forma crônica, geralmente estão associadas à osteoartrite. A etiologia é multifatorial, incluindo predisposição genética, nutricional e trauma. O debridamento artroscópico, incluindo remoção de fragmentos de cartilagem destacados e curetagem do osso subcondral necrótico, tem sido citado, bem como a aplicação de corticosteróides, enxerto de osso esponjoso, substituto ósseo (fosfato tricalcico), plasma rico em plaquetas e células-tronco, sendo que a aplicação de cada um desses tratamentos depende da localização e tamanho da lesão. **Descrição do caso:** Foi atendido um equino da raça american trotter, macho, de sete anos, com queixa de claudicação do membro posterior esquerdo com evolução de dois anos. Ao exame físico, foi verificada claudicação de apoio grau três em cinco ao trote. Apresentou dor e aumento de volume na região da articulação femorotibiopatelar esquerda. O teste de flexão dessa articulação resultou em claudicação de grau quatro em cinco. Ao exame radiográfico, identificou-se área radiopaca em região de ligamento cruzado compatível com mineralização, aumento de tecidos moles, área circular com radiopacidade diminuída central e margens escleróticas, de 3 cm de diâmetro

em côndilo medial da tibia e enteseófitos. Ao exame ultrassonográfico, verificou-se sinovite e efusão das articulações femoropatelar e femorotibial medial, sendo o líquido articular com ecogenicidade aumentada, irregularidade na inserção do ligamento colateral medial no platô tibial e calcificação em região de inserção do ligamento cruzado cranial. Os achados de anamnese, exame físico, radiológico e ultrassonográficos foram condizentes com cisto subcondral medial e osteoartrite femorotibiopatelar secundária, tendo indicação cirúrgica e reservado prognóstico para retorno da função atlética de alto desempenho. O animal foi submetido à artroscopia femorotibial medial, onde foi verificada extensa erosão cartilaginosa em côndilo medial da tibia e esgarçamento do ligamento cruzado cranial com calcificação. Foi feito o acesso transcortical do cisto para curetagem e infiltração com 7 mg de betametasona. **Resultado e Conclusão:** O animal encontra-se em recuperação, porém já apresenta evolução insatisfatória, devido provavelmente ao processo osteoartítico instalado. Contudo, deve-se atentar a essa localização cística, pois, se houvesse um diagnóstico precoce, esse animal poderia apresentar um prognóstico favorável para retorno à atividade atlética.

1 Médico veterinário residente – HOVET – FMVZ/USP

2 Professor Doutor de Cirurgia de Grandes Animais da FMVZ/USP

3 Professor Doutor de Diagnóstico por Imagem da FMVZ/USP

4 Professora Doutora de Clínica de Equinos da FMVZ/USP

Digestibilidade total e parcial de forrageiras em equinos pelo método dos sacos móveis

Silva, V.P.*; Rodrigues, L.M., Almeida, F.Q., Barreto, M.P., Guimarães, A.

Este trabalho teve como objetivo avaliar a digestibilidade de três diferentes forrageiras nos segmentos pré-cecal e total em equinos pelo método dos sacos móveis. **Material e Métodos:** Os alimentos avaliados foram os fenos alfafa, coastcross e o amendoim forrageiro. Foram realizados dois ensaios, sendo o primeiro ensaio conduzido com o objetivo de estimar a digestão total dos alimentos com sacos de náilon móveis em quatro equinos adultos. Foram utilizados 25 sacos/sondagem, sendo oito por alimento e um branco. Inseriu-se 663mg de amostra moída à 1mm nos sacos de poliéster, de porosidade 45µ e dimensões internas de 6,5 × 3cm. Os sacos contendo as amostras foram inseridos diretamente no estômago por sonda naso-gástrica. No segundo ensaio de digestão pré-cecal, utilizou-se uma égua fistulada no ceco. Os sacos tiveram uma pequena arruela metálica, com 1 cm de diâmetro, afixada em uma das extremidades. Foram inseridos 16 sacos/sondagem, sendo cinco sacos /alimento e um branco, e recuperados no ceco através de uma placa de ímã colocada próximo à junção íleo-cecal. No final dos ensaios, os sacos foram descongelados e lavados suavemente em máquina de lavar por 15 minutos. Os resultados dos coeficientes de digestibilidade total e pré-cecal foram submetidos à análise descritiva. **Resultados e Conclusão:** A alfafa apresentou coeficientes de digestibilidade da MS (CDMS) pré-cecal de 58,3%, e total de 76,8%, enquanto observou-se no amendoim forrageiro valor de CDMS pré-cecal de 55,4% e total de 75,9%. A digestibilidade pré-cecal da proteína bruta foi maior no feno de alfafa, amendoim forrageiro e coastcross, com valores de 90,7%, 72,8% e 69,8% respectivamente. Quanto ao fracionamento dos carboidratos dos alimentos, observou-se que as leguminosas alfafa e amendoim forrageiro apresentaram teores de carboidratos rapidamente fermentáveis (CHO-RF) em sua composição de 29,9 e 26,1% respectivamente, enquanto o feno da gramínea coastcross apresentou 15,7%. Esses carboidratos assumem característica de gel, sendo que esse tipo de fibra solúvel é resistente à digestão enzimática dos mamíferos. Portanto, os valores observados da digestibilidade pré-cecal do FDN na alfafa, amendoim